

Porque é que eu gostei muitíssimo do Dogville

Por causa disto: é que eu encontro-me milhentas vezes em conversas acerca do bem e do mal, dos bons e dos maus, dos coitadinhos que fazem maldades mas merecem ser desculpados porque têm sempre boas desculpas versus aqueles que por não serem coitadinhos não merecem ser desculpados ainda que as maldades sejam as mesmas, etc.. Em geral criticam-me sempre por eu ser autoritário e intolerante só porque eu acho que o mal deve ser castigado, quer seja feito por coitadinhos quer seja feito por não coitadinhos. Por exemplo, eu nunca achei que a pobreza pudesse desculpar o roubo, nunca senti mais raiva do ladrão de colarinho do que do ladrão de pé descalço: acho que são os dois do mesmo saco.

A minha tese é esta: não são as condições sociais que levam as pessoas à maldade, são as condições sociais que favorecem a revelação do carácter ético das pessoas. Há pessoas boas e pessoas más em todas as condições sociais, melhores ou piores. Há gente pobre e honesta e os pobres que são desonestos não o são por serem pobres: são-no por desonestidade. O mesmo se diga, analogamente, dos ricos. Há gente má cuja maldade nunca se revelou porque as condições sociais eram boas e também há gente que não revela maldade nenhuma mesmo nas circunstâncias mais adversas pelo simples facto de ser de bom carácter.

As circunstâncias sociais não afectam a capacidade que as pessoas têm de discernir o que é o bem e o que é o mal. E se isto parece exigir muita sofisticação do intelecto das pessoas mais coitadinhas, posso dizer o mesmo por estas palavras: as condições sociais não afectam a capacidade das pessoas perceberem que certas coisas que desejam fazer aos outros não seriam do seu agrado caso fossem os outros a fazerem essas coisas a elas.

Também sempre me repugnou aquela mentalidade de presumir que quem vindo da pobreza chegou a rico conseguiu-o desonestamente: os novos ricos são sempre necessariamente ou ladrões ou putas. Esta é uma mentalidade que não acredita no indivíduo nem no mérito e que baseia a sua ética na inveja disfarçada (isto podia ser uma definição do conceito de "esquerda política").

As minhas discussões políticas acabam sempre com alguém a dizer-me "tu ficas com a tua ideia, eu fico com a minha" ou "leva lá a bicicleta". E eu sempre achei esta atitude arrogante e desprezivelmente condescendente. Recusar uma discussão revela uma altivez que é, para mim, absolutamente insuportável: se nós temos cérebro para pensar, gozamos de liberdade de expressão e ainda por cima vivemos em democracia, porque não discutir as coisas?

Ora no filme Dogville, a personagem vencedora é precisamente aquela que critica a personagem mais boazinha, condescendente, tolerante, em suma, politicamente correcta que eu já vi em cinema. É a mais politicamente correcta em cinema mas não o seria na vida real (já conheci pior). O gangster afirma que Grace é "arrogante" e "condescendente" e eu senti-me vitorioso ao assistir numa obra artística genial à defesa das minhas ideias.

A parte final do filme - Grace decide matar toda a gente que a explorou - é uma terapia psicológica e ética absolutamente revitalizante. Essas cenas são até agora, em toda a

minha experiência de apreciador de arte, a única coisa que justifica o uso da palavra "catarse".

Nos nossos dias e nas nossas sociedades, vive-se e pensa-se o relativismo: não há bem nem mal, se alguém pensa em termos éticos é logo rotulado de católico, as pessoas não devem ser castigadas mas compreendidas e desculpadas quando fazem coisas más e as pessoas não merecem os louros nem têm mérito quando têm sucesso. Em poucas palavras, vivemos a mentalidade politicamente correcta em que se destacam dois tipos de personagens: os coitadinhos, isto é, aquelas que merecem o perdão por qualquer maldade que façam desde que sejam coitadinhas; os ladrões e as putas que são aquelas pessoas que por serem bem sucedidas de certeza absoluta que são ladrões e putas (caso contrário não seriam bem sucedidas).

O massacre realizado por Grace destrói esta mentalidade: todas as pessoas que lhe fizeram mal são julgadas eticamente (pelo gangster, a única personagem genuinamente franca de todo o filme), são condenadas e a pena é mesmo executada. No julgamento ético, o facto de elas serem pobres, ignorantes ou doentes não serve de atenuante: a maldade não lhes advinha dessas circunstâncias mas sim directamente dos seus caracteres.

É delicioso que o juiz do filme seja o gangster. O gangster é, para mim, infinitamente mais digno que o delinquente mais coitadinho das sociedades dos nossos dias: o arrumador de carros. O gangster de Dogville é eticamente mau mas assume a sua maldade e não espera que ninguém o perdoe: ele tem a dignidade de assumir que a sua maldade vem do seu carácter, vem da sua vontade. O arrumador de carros, para além de não ter talento técnico nem sequer para roubar carteiras, vive da sua tarefa preguiçosa e chantagista e ainda se dá ao luxo de assumir uma atitude de "eu sou coitadinho e é por isso que ando aqui assim nesta miséria". Faz o mal e ainda exige hipocritamente a sua desculpabilização. Mas a falta de dignidade e ética não é maior nesses coitadinhos mas sim naqueles que os consideram coitadinhos e que os desculpabilizam e que suportam a mentalidade politicamente correcta.

O gangster de Dogville defende uma tese que eu já defendi em algumas conversas políticas (daquelas que eu tenho à noite no Bairro Alto e que me fazem perder amigos). Tem a ver com a definição do que é ser "arrogante". A ideia é que o cúmulo da arrogância consiste em alguém desculpar os outros com base no argumento de que os outros vivem em más condições e por isso têm (de um modo que não lhes é moralmente imputável!) uma maior tendência para o mal. Onde está a arrogância nesta argumentação? Está no facto de que a desculpabilização dos outros é justificada com base na presunção de que eles não têm capacidade de discernimento moral (sendo por isso que praticam o mal). Mas presumir uma tal incapacidade é o mesmo que presumir a sua inferioridade! Ou seja, o perdão é dado porque os outros são inferiores, enquanto que quem dá o perdão, quem tolera, quem condescende é quem, com toda a subtilidade ética, se considera com melhor discernimento moral do que os outros!

O cérebro permite fazer juízos de vários tipos. Sempre achei e acho que os juízos de valor éticos têm qualquer coisa de mais sublime do que, por exemplo, raciocínios técnicos ou mesmo os juízos estéticos. Mas isso não significa que os juízos de valor éticos são intelectualmente difíceis: qualquer pessoa pode facilmente avaliar se aquilo que pretende fazer seria do seu agrado caso os outros lhe fizessem. Também me parece

verdadeiro que essa capacidade de avaliação não depende das condições sociais de um indivíduo. Daí ser também hipócrita aquele tipo de desculpabilização baseado nas “condições sociais”.

Agora, existe um problema: se é verdade que aqueles que desculpabilizam se consideram, no fundo, superiores aos desculpabilizados (aos coitadinhos), não será verdade que aqueles que não desculpam e que julgam, sentenciam e castigam – não será verdade que estes também se consideram superiores? Não, não é verdade: fazer um juízo moral tomando como premissa que qualquer pessoa tem discernimento ético e portanto deve ser responsabilizada pelo mal não exige superioridade do julgador, antes sim o reconhecimento de que somos todos iguais precisamente nessa capacidade de avaliarmos o bem e o mal. E é precisamente por sermos iguais no nosso discernimento ético e nas nossas tentações é que devemos exigir que o mal seja castigado e que o sucesso seja respeitado.

Ricardo